

Vaticano ignora pedido de perdão

CNBB se desculpa com índios e negros, mas representante do papa apenas exalta trabalho dos missionários no Brasil

Da Redação
 Com agências Folha e Estado

Santa Cruz Cabrália (BA) — A Igreja católica no Brasil aproveitou a celebração dos 500 anos de civilização cristã no país para pedir perdão a índios e negros que tiveram seus direitos desrespeitados. Mas o Vaticano preferiu enfatizar o papel positivo dos missionários. Sem desautorizar o pedido de perdão, o enviado especial do papa e segundo homem na hierarquia do Vaticano, cardeal Angelo Sodano, enfatizou que os brasileiros devem o que são à contribuição dos cristãos.

“Quem mais ajudou a civilizar as populações indígenas que o trabalho missionário? Quem melhor amalgamou as populações, dispersas em pequenos núcleos da costa e do interior, que o vigário e o cura? Quem mais fez pela instrução do povo que a Igreja, através das escolas e colégios? Quem mais envidou esforços na moralização da família, na paz e concórdia dos cidadãos?”, questionou o cardeal.

Na primeira parte da cerimônia, o presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Jayme Chemello, havia pedido perdão aos índios, “cujos direitos nem sempre foram respeitados”, e aos “irmãos e irmãs negros, por não termos sempre respeitado sua dignidade”. Esse pedido estava previsto há quase um ano. O inesperado foi o tom da homilia do representante do Vaticano.

Minutos antes, o cardeal havia ouvido um jovem pataxó apresentar, de costas para ele, um ponto de vista sobre o mesmo tema muito diferente daquele do Vaticano: “São 500 anos de sofrimentos, de massacres, de exclusão, de preconceito, de exploração, de extermínio de nossos parentes, aculturamento, estupro de nossas mulheres, devastação de nossas terras, de nossas matas, que nos tomaram com invasões. Hoje querem reafirmar a mentira do descobrimento.”

A apresentação não estava prevista. “Aonde vocês estão pisando, essa terra pertence a nós”, disse o índio, num discurso que acabou sendo o principal eco, na missa, da repressão às manifestações indígenas ocorridas no mesmo local, no dia 22. Enquanto ele fazia o protesto, uma faixa de pano preto era aberta em toda a ex-

tensão do altar, em sinal de luto.

O escolhido para ler o texto foi Matalawê, índio de pele negra, com 24 anos, cujo nome de batismo é Jerry Adriani Santos de Jesus, de 24 anos. Ele vive do artesanato, mas quer ser professor de cultura indígena. Ao final da celebração, admitiu que o texto foi preparado com a ajuda de várias pessoas. Mas não quis revelar nomes. “Eu improvisei algumas coisas, nas horas que achei melhor.”

Os negros convidados, três grupos de afoxê de Juiz de Fora, Minas Gerais, foram bastante discretos, participando do rito de apresentação do Evangelho, como estava planejado inicialmente.

A celebração, na praia de Coroa Vermelha, mesmo local onde foi rezada a primeira missa no país, no dia 26 de abril de 1500, reuniu cerca de 20 mil pessoas, segundo o coronel Wellington Müller, que estava no comando do policiamento militar na área. O número é bem mais baixo que o previsto pelos organizadores, que esperavam de 50 mil a 100 mil fiéis. Nem o governador da Bahia, César Borges (PFL), compareceu, provavelmente devido ao desgaste provocado pela repressão do último sábado.

FINAL SOB CHUVA

A missa foi celebrada pelo enviado especial do papa e co-celebrada por quase 300 bispos, entre os quais dom Ximenes Belo, do Timor Leste, ganhador do Prêmio Nobel da Paz em 1996.

O governo brasileiro foi representado pelo vice-presidente Marco Maciel. Também estava presente o ministro do Esporte e Turismo, Rafael Greca. Uma forte chuva no final da cerimônia prejudicou a apresentação da cantora Daniela Mercury. Ela cantou *Ave Maria do Morro*, de Herivelto Martins, acompanhado por um coral de 150 vozes, formado por católicos da Diocese de Eunápolis, que abrange o município de Santa Cruz Cabrália.

Além da chuva e dos discursos inesperados, a missa foi marcada por algumas falhas de organização e ausência de contrição entre a assistência. Uma das exceções foi o vice-presidente, católico praticante, que ficou atento durante todo o ato que relembrou os 500 anos da primeira missa em terra brasileira.

Personagem central da missa,

Moacyr Lopes Junior/Folha Imagem



Pataxós sobem ao altar onde dom Sodano celebra missa pelos 500 anos da evangelização do país: público foi metade do esperado

O DESABAFO DO PATAXÓ

“Séculos depois, estudos comprovam a teoria, contada pelos anciões, de geração em geração dos povos, as verdades sábias, que vocês não souberam respeitar e que hoje não querem respeitar”

“Quinhentos anos de sofrimento, de massacre, de exclusão, de preconceito, de exploração, de extermínio de nossos parentes, aculturamento, estupro de nossas mulheres, devastação de nossas terras, de nossas matas, que nos tomaram com a invasão”

o índio pataxó Jerry Adriani disse que pensou no confronto com a PM no último sábado e no assassinato do índio Galdino de Jesus (queimado vivo por cinco estudantes de Brasília, há dois anos) quando redigiu o discurso lido durante a cerimônia. “Elabora-

mos um texto para mostrar a nossa indignação com o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, que nunca respeitou os direitos das minorias, principalmente os dos índios”, disse em sua casa, à tarde.

Comandados por Matalawê,

“Vocês, quando chegaram aqui, essa terra já era nossa. O que vocês fazem com a gente?”

“Hoje, querem afirmar a qualquer custo a mentira, a mentira do Descobrimento. Cravando em nossa terra uma cruz de metal, levando o nosso monumento, que seria a resistência dos povos indígenas”

“Vocês não se envergonham dessa memória que está na nossa alma e no nosso coração”

Jerry Adriani Santos de Jesus, conhecido na tribo como Matalawê

apenas 10 dos 2.200 índios da reserva Coroa Vermelha participaram da elaboração do documento. Antes de dar forma ao texto, eles cantaram e dançaram embaixo de uma jaqueira, na madrugada de terça-feira.

“Fomos agredidos em nossa

casa por policiais despreparados, que seguiram ordens de um governo que vê no índio apenas um personagem folclórico.” Matalawê estava na linha de frente quando a PM interrompeu com bombas de efeito moral a passeata dos índios. “Os meus pés ficaram feridos por estilhaços de bombas.”

O discurso causou constrangimento entre lideranças da CNBB. A entidade havia autorizado o protesto dos indígenas desde que ele não fosse realizado durante a missa. O conteúdo da celebração foi resultado de uma longa negociação com o Vaticano, em Roma. Defensora de pouca contundência nas questões sociais, a Igreja Católica vetou cantos e trechos críticos no evento. Diante das proibições, feitas pelo próprio cardeal, o roteiro foi refeito pela CNBB.

“O discurso foi uma iniciativa dos pataxó. Eles nos propuseram ontem (terça-feira) à noite uma forma de expressão contra os atos de violência de sábado. Aceitamos, mas os orientamos para que fizessem isso antes da missa. Eles não apareceram no momento combinado. Depois chegaram e subiram ao altar”, declarou o bispo dom Geraldo Lyrio Rocha, responsável pela comissão da CNBB que organizou o evento. “Foi um ato espontâneo e inesperado, mas a CNBB não viu isso como um ato de afronta”, completou.